

**Ana Paula Brandão**  
(Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará)

## **A incorporação de nomes e classificadores em Paresi-Haliti (Aruák)**

**ABSTRACT:** This work describes noun and classifier incorporation in Paresi. Paresi is an Arawak language, spoken by approximately 3000 people in Mato Grosso (Brazil). In Paresi, there are three types of incorporation: nominal incorporation, and incorporation of classifiers and postpositions. In this article, the characteristics of the incorporation of nouns and classifiers are discussed, showing that there is an important relation between these categories. Classifiers probably come from nouns, but the two categories exhibit some differences of syntactic distribution, when we compare them in the incorporation process. My analysis is based on fieldwork (in the Formoso and Rio Verde communities) through the collection of texts and elicitation, and using a functional-typological approach (Mithun 1984; Haspelmath 2012).

**Keywords:** Typology; Noun Incorporation; Classifiers.

**RESUMO:** Este trabalho descreve a incorporação de nomes e classificadores na língua Paresi. Paresi é uma língua pertencente à família Aruák, falada por aproximadamente 3000 pessoas em Mato Grosso (Brasil). Em Paresi, ocorre três tipos de incorporação: nominal, de classificadores e de posposições. Neste artigo são abordadas características dos processos de incorporação nominal e de classificadores, mostrando que há uma relação bem próxima entre eles. Classificadores provavelmente se originaram de nomes, porém as duas categorias apresentam algumas diferenças de distribuição sintáticas quando as comparamos no processo de incorporação. Minha análise é baseada em trabalho de campo (nas comunidades Formoso e Rio Verde) através de coleta de textos e elicitação, usando uma abordagem tipológica-funcional (Mithun 1984; Haspelmath 2012).

**Palavras-chave:** Tipologia; Incorporação nominal; Classificadores.

### **1. Introdução**

Paresi é uma língua pertencente à família Aruák, falada por aproximadamente 3000 pessoas no Estado do Mato Grosso. O tema a ser abordado neste artigo é a incorporação nominal e de classificadores. A incorporação nominal é um fenômeno típico de línguas amazônicas (Aikhenvald & Green 1998; Corbera Mori 2014; Ferreira-Silva 2011). Os tipos de incorporação encontrados em línguas amazônicas são: incorporação de nomes, classificadores, advérbios, posposições e reflexivos (Corbera Mori 2014).

O objetivo deste trabalho é descrever principalmente a incorporação de classificadores verbais, seguindo a classificação de Mithun (1984) e Passer (2016). Em Paresi, há a incorporação de nomes, classificadores e posições. O Paresi também apresenta um sistema de classificação nominal com aproximadamente onze morfemas classificatórios. Estes classificadores podem ser incorporados tanto em raízes verbais intransitivas quanto transitivas. Com verbos intransitivos incorporam o sujeito, com verbos transitivos incorporam o objeto, e ambos podem incorporar um argumento oblíquo. A incorporação de classificadores possui muitas semelhanças com a incorporação de nomes. Os dados usados neste artigo foram coletados durante pesquisas de campo feita pela autora nas comunidades Rio Formoso e Rio Verde.

O artigo está organizado em quatro partes. Na primeira parte, apresenta-se informações gerais sobre a língua Paresi e informações sobre a língua importantes para a compreensão do processo de incorporação. A segunda parte trata da tipologia do processo de incorporação e a incorporação nominal em Paresi. A terceira parte é uma breve discussão sobre os classificadores em Paresi. A última parte é uma descrição do processo de incorporação de classificadores em Paresi.

## 2. A língua Paresi

O Paresi, da família Aruák, grupo Paresi-Xingu, é falado por várias comunidades na área geográfica chamada Chapada dos Parecis. É considerada, assim como outras línguas amazônicas, uma língua ameaçada de extinção, já que possui um baixo número de falantes e sua transmissão para as futuras gerações está comprometida. A maioria dos falantes são bilíngues, tendo o português como segunda língua. Os dados apresentados neste artigo foram coletados durante pesquisa de doutorado e pós-doutorado entre os anos de 2012 e 2015, durante viagens ao campo, em duas comunidades Paresi: Formoso e Rio Verde. Os principais trabalhos sobre a morfossintaxe da língua Paresi são Brandão (2014) e Silva (2013).

O Paresi é uma língua polissintética e aglutinativa, como outras línguas da família Aruák. Sua morfologia consiste de vários morfemas com fronteiras bem delimitadas (sem morfemas cumulativos) e alguma variação alomórfica. As classes de palavras abertas incluem nomes e verbos. Já as classes fechadas são formadas por adjetivos, advérbios, pronomes, demonstrativos, indefinidos, numerais, quantificadores, posições, interjeições e ideofones (Brandão 2014).

As categorias nominais em Paresi são: número (singular e plural) e tempo nominal. Os nomes podem ser inalienáveis ou alienáveis. Nomes inalienáveis são nomes inerentemente possuídos que recebem um possuidor (um proclítico pessoal ou outra raiz nominal) quando possuídos, ou o sufixo *-ti* de não-possuído, quando não-possuídos, como em (1). Estes nomes também são formas presas, não ocorrendo como formas livres. Semanticamente, nomes inalienáveis incluem os termos de parentesco, partes do corpo ou plantas, pertencentes pessoais, e alguns outros nomes.

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| (1) no=tsiri <sup>1</sup> ‘minha cabeça’ (E) <sup>2</sup><br>1SG <sup>3</sup> =cabeça | tsiri-ti ‘cabeça’ (E)<br>cabeça-NPOSS |
|---|---------------------------------------|

Já nomes alienáveis são raízes nominais livres que são opcionalmente possuídas, e em geral não ocorrem com o marcador não-possuído *-ti* (com poucas exceções). Quando são possuídos, devem ocorrer com o possuidor e um dos três subconjuntos de sufixos possuídos: *-za*, *-la* e *-ne*, ver exemplo (2).

- |                    |   |
|--------------------|---|
| (2) kozeto ‘milho’ | hi=kozeto-la ‘seu milho’(E)<br>2SG=milho-POSSED |
|--------------------|---|

Há quatro classes verbais de acordo com Brandão (2016, no prelo): verbos intransitivos (divididos em agentivos e não-agentivos), transitivos, bitransitivos e não-flexionáveis. Entre as categorias verbais estão: tempo, aspecto e modalidade. A marcação de pessoa no verbo é feita através de clíticos e é determinada por traços semânticos.

### 3. Tipologia da incorporação nominal e os dados do Paresi

Para Mithun (1984), incorporação nominal (daqui em diante IN) refere-se a uma construção em que uma raiz nominal forma um composto com a raiz verbal; esta construção deve apresentar uma paráfrase na qual o nome não aparece incorporado. Porém, de acordo com Haspelmath (2012), o conceito de IN ainda não é bem definido, já que varia de autor para autor. Um exemplo é a definição dada por Reuse (1994: 2842 apud Haspelmath 2012), baseada no critério de formação de palavras, que se assemelha à definição dada por Mithun: “[é] uma construção morfológica onde o elemento lexical é adicionado a um elemento verbal; sendo a construção resultante um verbo e uma única palavra”.<sup>4</sup>

Haspelmath critica a definição dada em Caballero et al. (2008) segundo a qual um nome é incorporado quando ocorre entre partes de uma construção verbal flexionada. Ele aponta que esta definição levaria a considerar IN casos de construções sintáticas em que o nome não forma uma única palavra com o verbo (ou seja não são compostos) e a desconsiderar compostos nos quais o nome incorporado não é inserido entre os morfemas flexionais do verbo.

<sup>1</sup> Valores fonológicos de alguns grafemas (que possam gerar dúvidas) utilizados em Paresi: <z> corresponde a /θ/, <x> corresponde a /ʃ/, <y> corresponde a /j/ ou aproximante palatal.

<sup>2</sup> A fonte do exemplo é dada pelos códigos: T indica os exemplos que são de textos; E: indica exemplos que são de elicitização.

<sup>3</sup> As abreviaturas utilizadas no artigo são: 1 Primeira pessoa, 2 Segunda pessoa, 3 Terceira pessoa, ATR Atributivo, CLF Classificador, CON Conectivo, DUB Dubitativo, EMF Ênfase, IRR Irrealis, HORT Hortativo, MASC Masculino, NPOSS Não-possuído, O Objeto, PFV Perfectivo, PL Plural, POSSED Possuído, SG Singular, TH Sufixo Temático, TOP Tópico, TRS (Aspecto) Transicional, VM Voz média.

<sup>4</sup> [...the morphological construction where a nominal lexical element is added to a verbal lexical element; the resulting construction being a verb and a single word].

Haspelmath oferece uma definição, baseada em sua teoria da marcação, segundo a qual um nome usado como argumento tende a ter pouca liberdade de posicionamento com relação ao verbo (isto é, ser incorporado) quando apresenta seguintes características: i) é indefinido, ii) não se refere a um referente específico, iii) tem escopo restrito, e iv) é neutro com relação ao número. Neste artigo, considero as definições de cunho morfológico e semântico dadas por Mithun e Haspelmath.

Outra discussão comum na literatura sobre IN é se o processo deve ser considerado como morfológico ou sintático. Mithun considera a incorporação como o processo morfológico mais próximo da sintaxe. Segundo a autora, a IN é um processo morfológico, semelhante ao processo de composição lexical, em que a construção V+N não é totalmente livre e está propensa à lexicalização. Porém, outros autores, tais como Baker (1988), consideram a incorporação um processo que envolve a derivação sintática de palavras complexas morfológicamente, através do movimento do núcleo. Consideramos neste artigo a incorporação enquanto processo morfológico seguindo Mithun (1984).

Mithun (1984) classifica o processo de incorporação em quatro tipos: composição lexical (tipo I), manipulação de caso (tipo II), manipulação de argumento na estrutura discursiva (tipo III) e incorporação de classificadores (tipo IV). Os quatro tipos representam uma hierarquia implicacional que sugere um caminho no desenvolvimento do processo de incorporação. Caballero et al. (2008) também seguem a classificação de Mithun, porém dividindo em dois tipos: incorporação através de composição (o verbo torna-se intransitivo e o nome incorporado não pode ter modificadores externos) e incorporação classificatória ou tipos II e IV de Mithun (o verbo permanece transitivo e o nome incorporado pode ter modificadores externos).

De acordo com Mithun, uma língua que apresenta algum tipo de incorporação tem que apresentar compostos lexicais básicos. Como foi visto no início da seção, morfológicamente, o termo incorporação refere-se a um tipo particular de composição em que o verbo se combina com o nome para formar um verbo. Semanticamente, o nome possui uma relação semântica com o verbo podendo ser o paciente, local ou instrumento. Em certas línguas, o verbo está justaposto ao objeto direto e os mesmos se mantêm como palavras fonologicamente separadas, mas sintaticamente o nome perde seu status de argumento do verbo e sua união com o verbo forma um predicado intransitivo.

No caso da incorporação do tipo I em Paresi, como previsto acima, o nome é incorporado depois da raiz verbal, porém o nome incorporado não é o objeto direto. Os morfemas de aspecto que normalmente ocorrem depois do verbo, nesses casos ocorrem depois da construção V+N. As construções resultantes do processo de incorporação são intransitivas e não são produtivas:<sup>5</sup> apenas poucos nomes como *aho* ‘caminho, estrada’ e *hana* ‘folha’ podem ser incorporados. O nome neste tipo de incorporação indica o local do evento, como ilustrado (3) em e (4).

- (3) hoka    hatyaotseta    Ø=tiy-**aho**-tya    Ø=zane-heta  
 CON    então    3SG=chorar-caminho-TH    3SG=ir-PFV  
 ‘Então ela foi chorando ao longo da estrada’ (T)

<sup>5</sup> Entende-se que uma incorporação para ser produtiva deve envolver qualquer membro de um grupo aberto de nomes (Caballero et al. 2008).

- (4) Ø=holikoa-**hana**-tya  
 3SG=dançar-folha-TH  
 ‘dançou em cima da folha’ (E)

As construções do tipo II são semelhantes estruturalmente às do tipo I, já que verbo e nome formam uma unidade e o nome deixa de ser um argumento do verbo. Porém, são construções diferentes no que diz respeito ao resultado na mudança da valência do verbo. No tipo I, há diminuição de valência (verbos transitivos se tornam intransitivos), ou manutenção da mesma (verbos intransitivos continuam intransitivos, característica específica à língua Paresi). Já no tipo II, não há mudança de valência do verbo (o verbo se mantém transitivo), os nomes incorporados são objetos dos verbos transitivos e um argumento oblíquo (instrumento, local ou possuidor) pode ser elevado à posição de objeto. No Paresi, esse argumento oblíquo é o possuidor.

A restrição de que apenas nomes com a função de objeto direto podem ser incorporados em Paresi, pode ser explicada com base na agentividade. Na literatura sobre IN (Baker 1988; Mithun 1984), há afirmações de que argumentos pacientes são mais prováveis de serem incorporados. Como sujeitos de verbos transitivos são em geral agentivos, e os objetos são pacientes, a tendência é a incorporação dos objetos e não dos sujeitos, como o encontrado em Paresi. Outra característica da incorporação em Paresi, é o fato de não haver restrições<sup>6</sup> sobre o tipo de verbo que pode incorporar um objeto. As construções em Paresi, apresentadas a seguir, são produtivas, mas foram atestadas apenas em elicitación e não foram encontradas no corpus de textos coletados. Os nomes que podem ser incorporados pertencem a diferentes categorias semânticas, podendo ser inalienáveis e alienáveis: i) partes do corpo, como *hiniri* ‘costas’ e *tsiri* ‘cabeça’ (5); ii) partes de plantas, como *hana* ‘folha’ (6); iii) objetos, como *zawati* ‘machado’ e *watyahala* ‘pulseira’ (7); e iv) termos de parentesco, como *inityo* ‘mãe’ e *txiyete* ‘neto’ (8); e v) nomes alienáveis, como *maha* ‘mel’ e *olo* ‘dinheiro’ (9).

- (5) a. no=waiya hi=**tsiri** (forma não incorporada)  
 1SG=ver 2SG=cabeça  
 ‘eu olhei sua cabeça’ (E)

- b. no=waiye-**tsiri**-tsa hitso  
 1SG=ver-cabeça-TH 2SG  
 ‘eu olhei sua cabeça’ (E)

- (6) na=kera-**hana**-tya  
 1SG=queimar-folha-TH  
 ‘eu queimei a folha de alguém’ (E)

- (7) Ø=kera-**watyahala**-tya  
 3SG-queimar-pulseira-TH  
 ‘queimou a pulseira de alguém’ (E)

<sup>6</sup> Há restrições em algumas línguas Aruák como o Nanti (Michael 2006). Em Nanti, um verbo com papel semântico que não seja agentivo (como ‘ver’) não pode incorporar o objeto do verbo.

(8) João Ø=waiya-**txiyete**-tya

João 3SG=ver-neto-TH

‘João viu o neto de alguém’ (E)

(9) João Ø=waiya-n-**olo**-za-tya natyo

João 3SG=ver-LK-dinheiro-POSSED-TH 1SG

‘João viu meu dinheiro’ (E)

Nas línguas amazônicas, a incorporação se dá mais com os partonímicos, sobretudo com nomes obrigatoriamente possuídos (Corbera Mori 2014), a exemplo de outras línguas Aruák como Nanti (Michael 2006), Palikur (Aikhenvald & Green 1998) e Terena (Passer 2016). Segundo Mithun (1984), uma grande proporção de nomes incorporados são partes do corpo, pois as construções do tipo II com esses nomes referem-se a atividades frequentes e naturais que afetam as partes do corpo (a exemplo de ‘lavar mãos’ e escovar dentes’).

Observa-se que em Paresi, os nomes incorporados podem ser possuídos (nos casos dos nomes alienáveis, os morfemas de possuído aparecem junto com o nome) e seus possuidores, quando expressos como sintagma nominal na sentença, são promovidos a objetos, processo chamado ‘subida do possuidor’, ver exemplo (5). Esse processo é uma característica relevante apresentada por várias línguas amazônicas segundo Corbera Mori (2014), fenômeno também encontrado em Nanti (Michael 2006) e Palikur (Aikhenvald & Green 1998). Quando o sujeito da sentença e o possuidor são correferenciais, o possuidor não é expresso e o verbo torna-se intransitivo, como em (10). Nanti (Michael 2006) apresenta essa redução de valência, fenômeno que não é comum encontrar translinguisticamente.

(10) na=tiha-**kahi**-ts-oa

1SG=lavar-mão-TH-VM

‘eu lavei minhas mãos’ (E)

Em (11), as marcas de aspecto *-heta* ‘perfectivo’ e *-hena* ‘transicional’ e o enclítico de terceira pessoa objeto *ene* aparecem depois do composto verbal *nolokahino*. A construção formada a partir da incorporação do nome é idiomática, possuindo um significado que não é equivalente aos significados de suas partes. A incorporação do nome *hino* ‘pescoço’ ao verbo *noloka* ‘puxar’ se lexicalizou para significar o predicado transitivo ‘castigar’. Um indicador de que a construção é transitiva é o uso com o morfema *ene*, o qual indica a subida do possuidor para a posição de objeto.

(11) Ø=noloka-hino-**hete-hen**=ene

3SG=puxar-pescoço-PFV-TRS=3O

‘ele os castigou’. (T)

Finalmente, a incorporação do tipo III é usada para colocar a informação dada como pano de fundo no discurso. Em Paresi, este tipo é encontrado com a incorporação de classificadores que será descrita na seção 5.

#### 4. Classificadores em Paresi

Trabalhos sobre os sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas (Aikhenvald 2000; Grinevald; Seifart 2004) afirmam que os morfemas classificatórios nessas línguas podem ter funções derivacionais e de concordância, uma característica areal. Em Paresi, os classificadores têm funções derivacionais, uso anafórico e uma função de concordância marginal. O sistema de classificadores em Paresi é considerado um sistema de classificadores múltiplos, na terminologia usada na tipologia proposta por Aikhenvald (2000). Isto é, são classificadores que podem ser usados em vários contextos morfossintáticos.

##### 4.1. Aspectos morfológicos e semânticos dos classificadores

Semanticamente, os classificadores em Paresi expressam uma relação de propriedade-entidade que estão relacionadas a propriedades gerais das entidades, tais como formato, consistência ou dimensão. Onze classificadores, ilustrados na Tabela 1, foram descritos em Brandão (2015).

Tabela 1. Classificadores Paresi

Classificadores	Glosa
tse	pequeno, cabeceira de cachoeira
hi	comprido, delgado, flexível (parece cipó)
li	redondo
he	pó
natse	comprido horizontalmente, cilíndrico, 3D
katse	delgado, rígido, comprido verticalmente (parece vara)
za	líquido; fala
hoko	circular, 3D
taotse	pedaço
koa	superfície plana
ako	dentro de um buraco, 3D

Os primeiros três classificadores na Tabela 1 *-tse*, *-hi*, and *-li*, originaram-se dos seguintes nomes de raízes presas que se referem a partes de plantas: *-tse* ‘semente de’, *-hi* ‘fibra de’ e *-li* ‘fruta de’. Observa-se que houve extensão semântica do significado original. O classificador *-natse* pode ter tido como fonte o nome *natse* ‘mão de pilão’. As seguintes propriedades físicas de partes de plantas foram mapeadas para outras áreas semânticas: formato (flexibilidade, tamanho, massa, linearidade), dimensão e consistência. Por exemplo, o classificador *-li* ‘CLF.redondo’ refere-se a entidades que possuem formato de fruta; o classificador *-hi* ‘comprido, delgado’ refere-se a entidades que se assemelham ao formato de cipó; e o classificador *-natse* é usado com entidades que possuem uma dimensão cilíndrica e comprida semelhante a uma mão de pilão. Os classificadores são usados metaforicamente com nomes de partes do corpo (12), partes de plantas, objetos (13) e (14), animais (15) e humanos (apenas *-katse* e *-natse* são usados com referentes humanos).

- (12) kano-**li** ‘antebraço’ (E)  
braço-CLF.redondo
- (13) olawa-**hi** ‘corda’ (E)  
corda-CLF.comprido.delgado
- (14) kore-**natse** ‘arma’ (E)  
flecha-CLF.cilíndrico

O classificador *-tse*<sup>7</sup> ‘CLF.pequeno’ deriva palavras que se referem a animais e objetos que são pequenos em estatura. Diferente do classificador *-li* ‘CLF.redondo’, a propriedade semântica importante é o tamanho e não a dimensão. Este classificador está em estágio mais avançado de gramaticalização, com significado diminutivo.

- (15) txini-**tse** ‘gato’ (E)  
onça-CLF.pequeno

Outros classificadores possuem fontes desconhecidas, como é o caso dos classificadores *-katse*, usado com nomes cujos referentes têm o aspecto fino, rígido, comprido verticalmente, como se fosse uma vara (16); e *-za*,<sup>8</sup> que se refere a líquidos em geral, sendo usado com frutas e vegetais para se referir ao seu suco ou com nomes de rios (17).

- (16) baio-**katse** ‘o velho que é alto e magrinho’ (E)  
velho-CLF.comprido
- (17) wenore-**za** ‘chicha de abacaxi’ (E)  
abacaxi-CLF.líquido

Os classificadores podem ocorrer como lexicalizados em nomes referindo-se a partes do corpo e em alguns nomes de animais e objetos, tais como em: *katseri* ‘joelho’, *wamotse* ‘tipo de tatu’ e *awiyahi* ‘agulha’).

#### 4.2. Aspectos morfossintáticos

Nesta seção, apresenta-se os contextos morfossintáticos em que os classificadores em Paresi ocorrem (ver Tabela 2): com nomes, verbos, adjetivos, numerais e demonstrativos. O uso de classificadores verbais e sua função anafórica no discurso serão descritos na seção 5.

<sup>7</sup> Também é usado com nomes de rios para referir-se a cabeceiras de rios.

<sup>8</sup> Também é usado com referentes inanimados para referir-se a estórias ou músicas.

Tabela 2. Propriedades dos classificadores em Paresi

	Propriedades
1.	deriva nomes de nomes
2.	ocorre com nomes
3.	ocorre com verbos
4.	ocorre com adjetivos
5.	deriva nomes de verbos (nominalização)
6.	ocorre com numeral e demonstrativo
7.	“anafórico”
8.	apresenta concordância

Classificadores funcionam como elementos derivacionais, derivando nomes de outros nomes (18). Nos exemplos (14) e (18), o classificador *-natse* não modifica o nome *kore*, referindo-se ao formato da flecha, mas sim ao formato da arma ou da pólvora, respectivamente.

(18) *kore-tse* ‘pólvora’ (E)  
 flecha-CLF.pequeno

Os classificadores também podem ocorrer com (i) nomes sem derivar outros nomes (19), (ii) adjetivos (20a), (iii) numerais (20b) e demonstrativos (20c), em construções em que o classificador aparece apenas no modificador. São raros os casos de concordância, nos quais o classificador aparece no núcleo e no modificador, como em (20c). Em (20a) e (20d) somente os modificadores (*kalo* e *eze*) recebem o classificador, não ocorrendo a marcação no núcleo do sintagma nominal; já em (20b), apenas o modificador *hanama* recebe o classificador e o núcleo não é expresso.

(19) *in=iho-katse* ‘rabo dele’ (E)  
 3SG=rabo-CLF.comprido

(20) a. *manakata* *kalo-li-ro* ‘fruto grande de manakata’ (T)  
 manakata grande-CLF.redondo-NMLZ

b. *hanama-katse* *kirane-ze*  
 três-CLF.comprido ser.pequeno-NMLZ  
 ‘Três varas são pequenas’ (T)

c. *eze* *hanama-katse* *atya-katse*  
 DEM três-CLF.comprido árvore-CLF.comprido  
 ‘Estas são três varas’ (T)

d. *eze-tse* *n=aikoli*  $\emptyset$ =*kawe-ta*  
 DEM-CLF.pequeno 1SG=dente 3SG=doer-IFV  
 ‘Este meu dente dói’ (E)

## 5. Incorporação de classificadores

A incorporação do tipo IV apresentada em Mithun trata da incorporação de raízes nominais gerais como no tipo III, mas que podem ser acompanhadas de um sintagma nominal externo mais específico. No discurso, uma vez que o argumento seja identificado, apenas o nome geral incorporado no verbo é suficiente. Estes nomes gerais podem dar origem a um sistema de classificação em algumas línguas.

Esses classificadores incorporados nos verbos, em Aikhenvald (2000), são considerados parte de um sistema chamado de classificadores verbais, em que os morfemas classificatórios nominais ocorreriam apenas com verbos categorizando os referentes de seus argumentos e coocorreriam com os sintagmas nominais. Segundo trabalho recente de Passer (2016), há pouca evidência da existência de um sistema de classificadores puramente verbais, já que os casos encontrados são de classificadores múltiplos que ocorrem não apenas com verbos, mas em outros contextos, como nas línguas Munduruku e Motuna.

No caso das construções em Paresi, um classificador múltiplo, de sentido mais geral, é incorporado ao verbo e um sintagma nominal externo pode ser expresso na sentença,<sup>9</sup> o que sustenta a afirmação de Passer (2016) mencionada no parágrafo anterior. A incorporação de classificadores (daqui em diante IC) é um processo bastante produtivo que não muda a valência do verbo, e é raro com verbos intransitivos. Todos os classificadores (exceto *-koa* e *-ako*) podem ser incorporados, mas os que aparecem incorporados em textos são: *-tse*, *-katse*, *-natse* e *-hoko*.

Os classificadores incorporados com verbos intransitivos fazem referência ao sujeito da sentença ou argumento oblíquo. Por exemplo, em (21), *-tse* refere-se ao tamanho de uma pessoa chamada Nilva, de baixa estatura. Em (22), *-natse* refere-se ao lugar onde o evento foi realizado; observa-se que não há sintagma posposicional indicando o lugar.

- (21) Nilva            Ø=itsoa-**tse**-hena  
 Nilva            3SG=entrar-CLF.pequeno-TRS  
 ‘Nilva (a baixinha) entrou’ (E)

- (22) Ø=holikoa-**natse**-tya  
 3SG=dançar-CLF.cilíndrico-TH  
 ‘dançou em cima do tronco’ (E)

Com verbos transitivos, os classificadores são usados para fazer referência ao objeto direto ou argumento oblíquo no verbo. O exemplo (23) mostra o classificador *-tse* ‘CLF:small’ ocorrendo no verbo e no objeto.

- (23) halakoa            iya            Ø=hityo-**katse**-tya            mairoka-**tse**  
 rasgar            IRR            3SG=cortar-CLF.comprido-TH            mandioca-CLF.pequeno  
 ‘Eles cortaram pedaço pequenos e compridos de mandioca’ (T)

<sup>9</sup> A análise que apresentamos aqui é preliminar e baseada principalmente em dados elicitados. O sintagma nominal externo parece não ser obrigatoriamente expresso na sentença. Como será visto nos exemplos (26) e (27), o uso anafórico do classificador incorporado, permite com que o sintagma nominal externo não ocorra.

Em (24), o argumento oblíquo expressa lugar.

- (24) inityohali-ti-henaha                      xaka-**za**-tya                      minita  
 adulto.MASC-NPOSS-TRS-PL    atirar-CLF.líquido-TH            sempre  
 ‘Quando eles estavam crescendo, eles sempre pescavam com flechas (lit. Quando eles estavam crescendo, eles sempre atiravam na água)’ (T)

Passer (2016), em seu trabalho de cunho tipológico, menciona dois tipos de sistemas de classificadores: *verb classifiers* e *verbal classifiers*. No primeiro tipo, os classificadores ocorrem no verbo caracterizando um referente nominal da sentença; já no segundo tipo, o classificador também ocorre no verbo, mas serve como modificador de uma ação. Se considerarmos essa tipologia, teremos que analisar que em Paresi há também dois tipos de classificadores: (i) classificadores usados na incorporação para fazer referência ao argumento oblíquo (que não aparece expresso como sintagma externo na sentença), que modificariam a ação expressa pelo verbo, tais como *-hoko*, *-natse* e *-za* e (ii) classificadores que fazem referência ao objeto, tais como *-tse* e *-katse*. Como a análise apresentada aqui é preliminar, os detalhes sobre as características dos dois tipos de classificadores verbais serão discutidos em trabalhos futuros.

A incorporação de nomes e a de classificadores compartilham algumas semelhanças, já que em ambos os processos i) o nome ou classificador incorporado é um argumento do verbo (o objeto) ou faz referência ao argumento; ii) uma nova base é derivada; e iii) o significado da nova base é formado por composição. Diferentemente da IN, a IC é mais produtiva e frequente.

- (25) a. Paula                      Ø=aiko-**katse**-tya                      hi=tsekatse  
 Paula                      3SG=cortar-CLF.comprido-TH            2SG=cabelo  
 ‘Paula cortou fios do seu cabelo’ (E)
- b. \*Paula                      Ø=aiko-tya                      e=katse  
 Paula                      3SG=cortar-TH            3SG=CLF.comprido  
 ‘Paula cortou seu cabelo’ (E)

Na seção 4, mostrou-se que a origem provável de alguns classificadores são nomes de partes de plantas, o que explica a homofonia existente entre eles. Este fato é comum em várias línguas (Aikhenvald 2000) e também atestado em Nanti (Michael 2006) e Palikur (Aikhenvald & Green 1998). Porém, nomes e classificadores possuem diferentes distribuições sintáticas, sendo, portanto, necessário fazer uma distinção entre as duas categorias. Como foi visto na seção 4, os classificadores podem ocorrer em vários contextos morfossintáticos, exceto em construções possuídas, contexto exclusivo dos nomes. Ex.: *\*ekatse* ‘a sua coisa comprida’. Por outro lado, uma característica específica da IN é a subida do possuidor.

Outra diferença é o uso anafórico de classificadores. De acordo com Grinevald & Seifart (2004), sistemas de classificadores de línguas amazônicas possuem características que fazem deles sistemas menos gramaticalizados que sistemas com classes nominais. Algumas dessas características são a natureza discursiva e a função anafórica. Em Paresi, o uso dos classificadores pode ser anafórico, como foi brevemente mencionado na seção 4. O classificador incorporado ao verbo pode ser acompanhado por um sintagma nominal externo (demonstrativo, adjetivo ou nome), como em (26). Porém, uma vez identificado no discurso, somente o classificador incorporado é suficiente, como ilustrado no exemplo (27).<sup>10</sup> Em Mithun (1984), encontra-se informação de que os classificadores incorporados tendem a não introduzirem referentes no discurso, já que colocam os referentes como pano de fundo no discurso. Mais investigação será necessária para afirmar se os classificadores tendem a ser usados quando o sujeito ou o objeto é o tópico, como em Palikur (Aikhenvald; Green 1998).

(26) kala-ore      etake-hare      kore      ka-moko      Ø=txikakatse  
 DUB-ENF      DEM-MASC      flecha      ATR-coró      3SG=ser.amarelo-CLF.comprido  
 ‘Lá estava a flecha com coró, que era amarela’ (T)

(27) wika              wi=tsoma-**hoko**-tya              zotehe-**hoko** [...]  
 HORT              1PL=fazer-CLF.círculo              tipo.de.beiju-CLF.círculo  
 ‘Vamos fazer beiju’

tyoma-**hoko**-hena  
 fazer-CLF.círculo-TRS  
 ‘fizeram beiju’ (T)

## 6. Considerações finais

Neste artigo, foram descritas características dos processos de IN e IC. A IN em Paresi apresenta algumas peculiaridades, entre elas, o fato de incorporar várias categorias semânticas, não apenas nomes inalienáveis, um exemplo não-prototípico de incorporação. Outra peculiaridade é a omissão do possuidor na IN do tipo II, caso o mesmo seja correferente com o sujeito do verbo. Além disso, nomes e classificadores podem incorporar ou fazer referência ao argumento oblíquo, o que não é comum translinguisticamente segundo Aikhenvald (2000) e Michael (2006).

Também foi visto que a incorporação de nomes e classificadores em Paresi apresenta características encontradas em outras línguas amazônicas, principalmente da família Aruák, tais como Nanti, Palikur e Terena. Entre estas características estão: i) incorporação com os partonímicos (obrigatoriamente possuídos); (ii) processo de ‘subida do possuidor’ e (iii) origem provável de alguns classificadores são nomes de partes de plantas.

<sup>10</sup> Apresentamos poucos dados para ilustrar a anáfora, pois temos poucas ocorrências desse fenômeno com classificadores incorporados em textos.

A análise apresentada é ainda preliminar, baseada em grande parte em dados de elicitación. É necessário analisar o processo com dados provenientes do discurso, a fim de aprofundar, por exemplo, o estudo da função discursiva dos classificadores quando incorporados nos verbos. Espera-se que esse artigo possa contribuir para futuros trabalhos nas áreas de linguística tipológica e histórico-comparativa de línguas Aruák, com relação aos fenômenos da incorporação e dos sistemas de classificação nominal.

## Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. (2000). *Classifiers: A typology of noun categorization devices*. Oxford: Clarendon Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y.; Green, Diana (1998). Palikur and the typology of classifiers. *Anthropological Linguistics* 40(3): 429-480.
- Ferreira-Silva, Marília (2011). Descrição da incorporação nominal em Parkatêjê. *Raído* 5(9): 81-90.
- Baker, Mark (1988). *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Brandão, Ana Paula (2016 no prelo). As classes verbais da língua Paresi. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*.
- Brandão, Ana Paula. (2015). Classifiers in Paresi-Haliti (Arawak). *Moara* 43(2): 51-67.
- Brandão, Ana Paula. (2014) *A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)* (Tese de doutorado). Texas, Austin: University of Texas at Austin.
- Caballero, Gabriela; Houser, Michael; Marcus, Nicole; Mcfarland, Teresa; Pycha, Anne; Toosarvandani, Maziar; Nichols, Johanna (2008). Nonsyntactic ordering effects in noun incorporation. *Linguistic Typology* 12(3): 383-421.
- Corbera Mori, Angel H. (2014). Uma breve abordagem tipológica dos processos de incorporação em línguas ameríndias. *Revista Língua Viva* 4: 1-21.
- Grinevald, Colette; Seifart, Frank (2004). Noun classes in African and Amazonian languages: Towards a comparison. *Linguistic Typology* 8: 243-85.
- Haspelmath, Martin (2012). Do we know what “noun incorporation” is? *Diversity Linguistics Comment: language structure throughout the world*. Leipzig. Disponível em: <http://dlc.hypotheses.org/135>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- Michael, Lev (2006). La incorporación nominal y los clasificadores verbales en Nanti (Kampa, Arawak). *Proceedings of the Second Conference on the Indigenous Languages of Latin America*. Disponível em: [http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2/Michael\\_CILLA2\\_nanti.pdf](http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2/Michael_CILLA2_nanti.pdf)
- Mithun, Marianne (1984). The evolution of noun incorporation. *Language* 60(4): 847- 894.
- Passer, Matthias Benjamin (2016). (What) Do verb classifiers classify? *Lingua* 174: 16-44.
- Silva, Glauber Romling da (2013). *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Recebido: 4/8/2016

Versão revista e corrigida: 28/10/2016

Aceito: 31/10/2016.